

O INATISMO DA LINGUAGEM HUMANA

José Geraldo Pereira Baião*
(zegeraes@uol.com.br)

“A linguagem é uma habilidade tão natural que costumamos esquecer que é um milagre.”
(Steven Pinker, psicólogo)

A fábula popular apresentada abaixo visa a sugerir ao leitor as ideias que pretendemos desenvolver ao longo deste texto, acerca do substrato genético sobre o qual se assenta a linguagem humana.

A cigarra, que vivia a cantar seu belo canto pela mata, intrigava-se com o fato de a bicharada não lhe dar a devida consideração. “Meu canto é tão encantador! Por que não me dão atenção?”, indagava-se.

Um belo dia a cigarra procurou saber por que, apesar de seu lindo canto, não era admirada pelos bichos da floresta. Não demorou a descobrir que os animais se encantavam mesmo era com o deslizar sincronizado da centopeia. Que harmonia! Que perfeição os movimentos daquela infinidade de perninhas! Dizia-se pela mata que a centopeia não andava, mas bailava, em uma coreografia de encher os olhos.

Tomada de terrível sensação de inveja, a cigarra resolveu dar um basta a essa situação e maquinou um plano para desbancar a centopeia.

Um belo dia, encontrou a rival e foi logo lhe tecendo loas:

- Dona centopeia, como é divino o seu caminhar! Quanta formosura vejo no movimento sincronizado de suas dezenas de perninhas! Não me admira terem os outros animais apenas olhos para a senhora! Eu mesma nunca vi tão graciosos movimentos!

Mas os floreios laudatórios não duraram muito, e a cigarra foi direto ao ponto:

* Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB).

- Conte-me uma coisa, dona centopeia: quando sua perninha da esquerda do sétimo par está para frente, a da direita do trigésimo quarto par está para frente ou para trás?

A centopeia começou a tropeçar, pois tomou consciência de quão complexo era o movimento que até então executava com tanta desenvoltura e naturalidade.

Um processo de estranhamento semelhante ao da centopeia da fábula sucederia conosco se parássemos para pensar como funciona o intrincado sistema linguístico que usamos de maneira tão natural e espontânea em nossas interações sociais no dia a dia. Se tomássemos consciência de quão complexa é a estrutura linguística mental que subjaz à nossa fala cotidiana, muito provavelmente nos espantaríamos tanto que até gaguejaríamos estupefatos ao constatar que, se fôssemos parar para pensar *apenas*¹ na complexidade sistêmica dessa estrutura psíquica, nossa comunicação cotidiana se revelaria inviável ou, quem sabe, impossível.

Assim como a centopeia da fábula não se dava conta da sistematicidade do movimento altamente complexo e sincronizado de suas dezenas de perninhas, também não tomamos consciência da complexidade mental que subjaz ao sistema linguístico que empregamos a todo o momento de maneira natural e espontânea em nossos atos comunicativos cotidianos.

A título de ilustração, analisaremos três fenômenos linguísticos em sua estruturação psíquica sistêmica. Começemos com uma exemplificação no nível sonoro ou fonológico da língua. Tomemos um vocábulo qualquer, como “pato”, por exemplo. Tal palavra é resultante da soma dos fonemas /p/, /a/, /t/, /u/. Para produzir cada um desses fonemas, o nosso cérebro precisa fazer operações mentais altamente complexas, das quais não nos damos conta conscientemente quando falamos. Fiquemos, aleatoriamente, com o segmento sonoro /p/. Primeiramente, para produzir esse fonema, nosso cérebro precisa determinar se o som produzido será

¹ Destacamos o vocábulo “apenas” já que a língua não se constitui unicamente a partir de sua estrutura mental abstrata, mas sim sofre influência de fatores cognitivos, pragmáticos, lúdicos, etc.

vocálico ou *consonantal*. No caso de /p/, a escolha é por um segmento consonantal, um som assilábico, ou seja, aquele que, por si só, não é capaz de figurar como centro da sílaba (papel reservado às vogais).

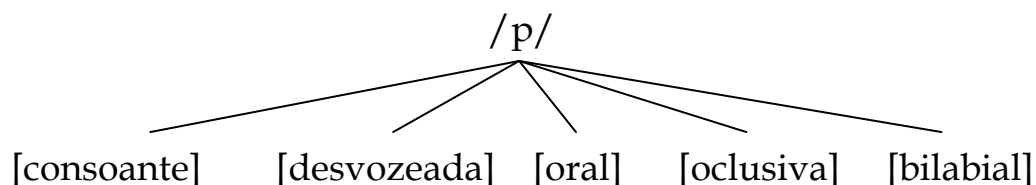
Depois, na produção das consoantes, o cérebro precisa determinar se a corrente de ar proveniente dos pulmões encontrará as cordas vocais, localizadas na laringe, tensas ou relaxadas. Caso as elas estejam tensas, ocorre a sua vibração com a passagem do ar, e o som assim produzido será *vozeado*. Mas, se a massa de ar não as vibrar, o segmento sonoro resultante se caracterizará pelo desvozeamento. Na produção de /p/, não ocorre vibração das membranas vocais, tratando-se, pois, de um fonema *desvozeado*.

A seguir, o cérebro tem de decidir se o palato mole (localizado na parte posterior do céu da boca, cujo apêndice é a conhecida “campainha”) encostará ou não na parede da faringe. Caso o palato mole abaixe e se encoste na faringe, ocorrerá o bloqueio nasal à onda de ar, que, assim, sairá exclusivamente pela boca, resultando daí um som *oral*. Se, no entanto, o palato mole não abaixar não haverá bloqueio à corrente de ar, e o som produzido será *nasal*, pois uma parte da massa de ar ressonará na cavidade nasal e a outra pela cavidade bucal. No caso do fonema /p/, a corrente de ar encontra a passagem nasal bloqueada pelo palato mole, tratando-se, portanto, de uma consoante oral.

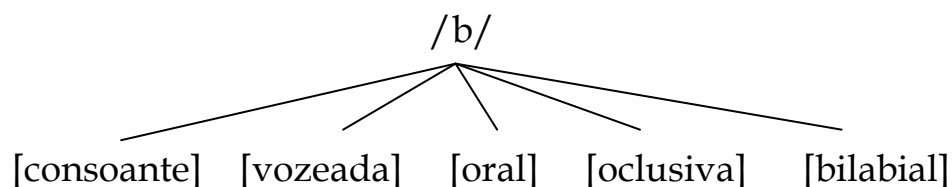
Ainda para a produção do fonema /p/, o cérebro também determina que a corrente de ar precisa ser bloqueada instantaneamente na boca para só depois ser liberada. Tais fonemas resultantes desse bloqueio completo da corrente de ar na cavidade bucal chamam-se *oclusivos* (oclusão = fechamento). No caso de /p/, o cérebro determina que os lábios bloquearão a corrente de ar, denominando-se *bilabial* tal segmento sonoro.

Como observamos, na produção de um simples e elementar fonema como /p/, por exemplo, nosso cérebro precisa processar as seguintes informações ou comandos: [consoante] + [desvozeada] + [oral] + [oclusiva] + [bilabial]. Tais características constituem os traços sonoros distintivos ou formadores desse fonema, isto é, estruturam a sua identidade fônica, de modo que

nenhum outro segmento sonoro possuirá essa mesma combinação de traços articulatórios característicos.



Uma escolha diferente em relação a qualquer um desses traços sonoros resultará na produção de fonema distinto, acarretando, assim, alteração na forma linguística em questão. Caso o cérebro processe a informação *vozeado*, ou seja, som resultante da vibração das cordas vocais, mantendo todos os outros traços articulatórios constantes (consoante, oral, oclusiva, bilabial), já não teremos mais o fonema /p/ e sim /b/, e o vocábulo que tomamos como exemplo não será mais “pato” e sim “bato”.

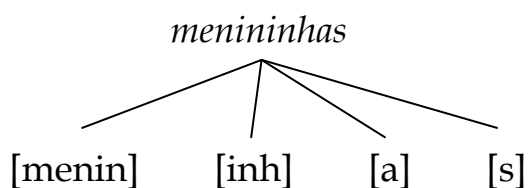


Assim, o que distingue as palavras “pato” e “bato”, no nível sonoro da língua, é unicamente a característica de desvozeamento do fonema /p/ em “pato” em contraposição ao vozeamento presente em /b/ de “bato”, já que os demais segmentos sonoros permanecem os mesmos nos respectivos vocábulos postos em contraste.

Já imaginou o caro leitor se em todo ato comunicativo tivéssemos de atentar conscientemente para cada uma dessas peculiaridades sonoras constituidoras dos fonemas por nós emitidos na construção dos vocábulos? Certamente, não seríamos esses seres tão falantes e comunicativos em nosso trato cotidiano com a linguagem. No entanto, não precisamos tomar consciência das

propriedades sonoras intrínsecas dos diversos segmentos sonoros para realizá-los cotidianamente em nossos atos de fala.

Pensemos agora na constituição morfológica (ou seja, na estruturação gramatical interna) de um vocábulo como “meninhas”, por exemplo. Para estruturá-lo, nosso cérebro precisa fazer uma série de escolhas entre os vários elementos gramaticais mínimos (chamados *morfemas*) que constituem morfológicamente os vocábulos da língua. Primeiramente, o cérebro depreende o morfema {menin}, recorrente em outras palavras como “meninice”, “meninada” e “menino”, por exemplo. Tal lexema evoca a ideia nuclear da forma linguística, no caso, “pessoa jovem”. A seguir, o cérebro identifica o sufixo indicador de diminutivo {inh}, presente em formas como “casinha”, “irmãozinho” e “bolinha”, por exemplo. Na sequência, ainda precisa processar as informações de feminino, categoria linguística expressa pelo morfema {a}, presente em palavras como “professora”, “doutora” e “escritora”, e plural, flexão realizada pelo morfema {s}, como se verifica também em “livros”, “mapas” e “dedos”.



Não basta ao cérebro, no entanto, identificar e escolher tais formas estruturantes mínimas – é preciso também combiná-las numa sequência que seja inteligível para os eventuais interlocutores, o que não ocorre nas hipotéticas combinações abaixo:

menin + s + a + inh
s + a + meninh + inh
inh + s + a + meninh
a + menin + s + inh

Como podemos observar, apesar da presença desses elementos linguísticos recorrentes em outras formações vocabulares, as sequências acima não formam palavras em português, uma vez

que tais ordenamentos lineares não traduzem conjuntos inteligíveis em nossa língua.

Na sequência {menin}{inh}{a}{s}, observa-se que o posicionamento dos respectivos morfemas não se dá aleatoriamente, uma vez que segue uma lógica não intuída conscientemente pelo falante: elementos morfológicos de aplicação mais geral ou abrangente encontram-se recorrentemente mais à direita do vocábulo. Observemos:

a) {s} encontra-se no extremo à direita, porque a ideia de plural caracteriza-se por ser mais abrangente do que a de gênero, já que a pluralidade se aplica tanto a masculinos quanto a femininos (“meninos” / “meninas”);

b) {a} posiciona-se à direita de {inh}, uma vez que o gênero constitui categoria de aplicabilidade mais geral que o diminutivo, uma vez que flexões de masculino e feminino se aplicam a diminutivos (“menininho” / “menininha”);

c) {inh}, por sua vez, acha-se à direita de {menin}, pois a categoria de diminutivo aplica-se a vários tipos de lexemas (“menininho”, “casinha”, “caderninho”, “carneirinho”).

Imagine o leitor como seria a sua comunicação no dia a dia se tivesse de parar para pensar, primeiramente, no papel gramatical de cada morfema e, depois, na correta ordenação entre eles para formar os vários vocábulos de que nos valemos cotidianamente em nossos atos comunicativos. Se fosse necessária tal conscientização por parte do falante, muito provavelmente nossa comunicação cotidiana não se revelaria tão dinâmica e desenvolta.

A experiência demonstra que em nossos atos comunicativos praticamente não temos consciência das regras combinatórias que regem a sistematicidade da estrutura linguística. Nesse sentido, segundo ARRIVÉ (p. 186):

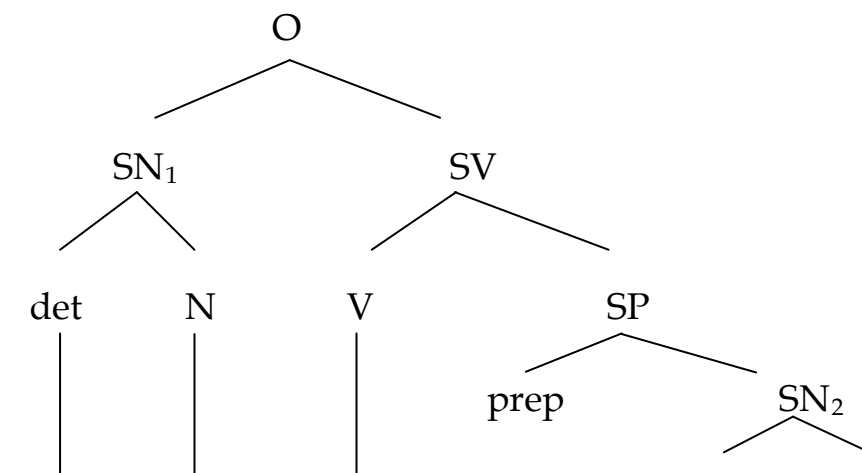
“Quando usamos um elemento da língua, qualquer que seja ele, nós o fazemos sem fazer dele objeto uma reflexão consciente: não temos, graças a Deus, necessidade de dar conscientemente atenção à programação da sucessão de sons em nosso discurso.”

Essa nossa inconsciência em relação à estruturação da língua restringe-se unicamente às regras combinatórias entre os elementos abstratos que se articulam para formar segmentos linguísticos entendíveis. Obviamente que nos valem conscientemente, no dia a dia, de estratégias discursivas, enunciativas e pragmáticas que visam a garantir a eficácia de nossos atos de fala. Apesar de não conscientes da sistematização estrutural da língua, os falantes apresentamos, contudo, pleno discernimento discursivo ao fazermos uso desse sistema em nossas interações sociais.

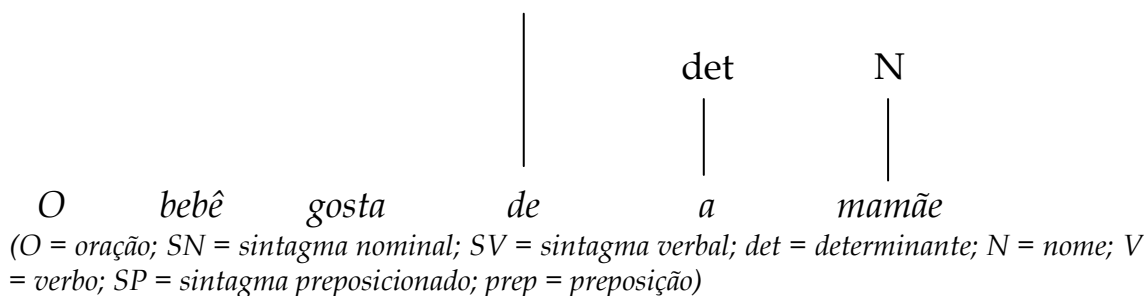
Tomemos, finalmente, no nível de estruturação sintática da língua, uma sentença que qualquer criança de três anos – desde que não apresente disfunções fisiológicas e cognitivas capazes de comprometer sua capacidade de compreender e utilizar a língua – construiria e entenderia facilmente:

O bebê gosta da mamãe

Trata-se de um enunciado que qualquer falante (escolarizado ou não) pode construir e compreender facilmente. Mas, por trás da aparência simples e elementar dessa sentença, há uma complexa estrutura sintática mental que a gera²:



² Nunca é demais lembrar que a enorme complexidade do sistema linguístico não se esgota aos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos a que aludimos em nosso texto. Inúmeros outros fatores igualmente complexos – sociais, cognitivos, enunciativos, pragmáticos, estilísticos, etc. – atuam na constituição da língua.



A estrutura em forma de árvore (conhecida como *diagrama arbóreo*) revela algo que o falante não intui conscientemente: as sentenças que produzimos ao falar não constituem meros agrupamentos aleatórios de palavras ou termos, mas sim o resultado de um complexo processo de computação mental, que organiza e hierarquiza os vocábulos em grupos sintáticos com funções específicas na estrutura oracional: os *sintagmas*.

Assim, em relação ao diagrama arbóreo acima reproduzido, o núcleo do SN₁ (“bebê”) mantém uma relação de concordância com o núcleo do SV (“gosta”); já o núcleo do SV (“gosta”) estabelece uma relação de regência com o SP (“da mamãe”). Dentro dos SNs (“o bebê”, “a mamãe”), os determinantes (“o”, “a”) sempre precedem o núcleo sintagmático, com o qual devem concordar em gênero e número.

Mesmo dentro de um sintagma há hierarquizações de constituintes imediatos. No SV em questão tem-se a seguinte estruturação: V (“gosta”) tem como constituinte imediato SP (“da mamãe”); SP, por sua vez, é composto pelos constituintes imediatos prep (“de”) e SN₂ (“a mamãe”). Já SN₂ apresenta det (“a”) e N (“mamãe”) como constituintes imediatos.

Mas a existência dessa estrutura sintagmática oracional subjacente não garante a gramaticalidade da sentença, uma vez que o falante deve preencher os locais marcados por det, V, N, etc. com itens lexicais específicos. O lugar marcado por det (em SN₁) poderia ser preenchido também por termos como “um”, “aquele”, “este”, mas não por itens lexicais como “contra” e “cair”, por exemplo. Já V só pode ser preenchido por itens lexicais que se flexionem em número-pessoa e modo-tempo, ou seja, por verbos. Assim, além de dominar uma complexa rede de estruturas que se inter-relacionam, o falante precisa também contar com um acervo de categorias

lexicais que se encaixem em lugares específicos da estrutura oracional. Como no jogo de xadrez, movimentos distintos exigem peças específicas que os realizem.

No processo de aquisição da linguagem, a criança depreende intuitivamente todas essas complexas informações sem a instrução formal dos adultos e a partir de um universo linguístico bastante reduzido que, por si só, não dá conta de justificar o notável desempenho linguístico apresentado por ela ao adquirir a língua materna.

As evidências e as pesquisas na área de aquisição de linguagem demonstram que não é a quantidade de dados nem a repetição e imitação da fala dos adultos que garantem à criança o pleno domínio das estruturas de sua língua materna, uma vez que o ambiente de fala à disposição dos pequetuchos se revela insuficiente para justificar a complexa elaboração mental do sistema linguístico por parte dos pequenos no processo de aquisição da linguagem.

Se a língua representa um sistema de estruturas mentais altamente complexas (como o demonstra a constituição de fonemas, de vocábulos, de sintagmas e de sentenças, por exemplo), como se explica que qualquer pessoa possa adquiri-la desde a mais tenra idade, com a maior naturalidade e sem que seja preciso ensinar-lhe sistemática e formalmente as regras de estruturação?

Uma das respostas mais consistentes a esse dilema foi proposta nos anos 1950 pelo linguista estadunidense Noam Chomsky. O eminente linguista argumenta que a capacidade de adquirir uma língua materna revela-se geneticamente determinada na espécie humana, ou seja, nascemos aptos a adquirir qualquer língua humana, uma vez que a natureza capacitou nosso cérebro com uma *gramática universal* (GU), a partir da qual todas as línguas são derivadas pela fixação de parâmetros específicos acionados no contexto do ambiente social de fala em que a pessoa viva. A essa concepção teórica dá-se o nome de *hipótese do inatismo*, cujo pressuposto é o de que a capacidade de adquirir uma língua natural constitui algo próprio, intrínseco e característico do ser humano em geral. Ou seja, é da nossa constituição genética a capacidade de adquirir uma língua natural, qualquer que seja ela, desde que estejamos imersos, obviamente, num ambiente social de fala.

CHOMSKY (p. 19) argumenta ser razoável:

“considerar a faculdade de linguagem como um ‘órgão da linguagem’, no sentido em que os cientistas falam de um sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório como órgãos do corpo.”

A concepção teórica a respeito de nossa dotação genética no que se refere à linguagem é reforçada pelo linguista canadense Steven PINKER (p. 9), um dos maiores especialistas da atualidade em linguagem e mente:

“A linguagem é claramente uma peça da constituição biológica de nosso cérebro, uma habilidade complexa e especializada que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal, que se manifesta *sem que se perceba sua lógica subjacente*.” (Destaque nosso)

Segundo a concepção inatista, a capacidade de linguagem constituiria um instinto humano, tanto que PINKER (p. 10) chega a afirmar que “as pessoas sabem falar *mais ou menos* da mesma maneira que as aranhas sabem tecer teias”³.

Não se trata aqui de reduzir o sistema linguístico a um mero determinismo biológico, já que a língua constitui uma construção social - e portanto histórico e cultural - do espírito humano. Como afirma Mattoso Camara Jr, a linguagem não representa "um fenômeno biológico como o caminhar, mas uma criação social baseada nas capacitações biológicas". O grande linguista brasileiro, no entanto, deixa patente que só falamos porque somos geneticamente predispostos a isso, pois

³ Destacamos em itálico e, assim, relativizamos a expressão “mais ou menos” pois a língua não se resume ao seu componente genético, uma vez que o ser humano é, fundamentalmente, um animal cultural e, portanto, são os contextos sociocognitivos em que se dá a produção social dos discursos os elementos instauradores e constituidores de qualquer sistema linguístico.

"A linguagem, embora algo da cultura, depende de aspectos biológicos do corpo humano (...) é *uma criação social baseada numa predisposição biológica.*" (Destaque nosso)

A hipótese do inatismo não sustenta o pressuposto de que nascemos prontos para adquirir *determinada* língua, mas que, ao nascermos, estamos geneticamente aptos a adquirir *qualquer* língua natural humana a partir do ambiente social de fala em que nos inserimos. Assim, embora a faculdade de linguagem nos seja dada geneticamente, a aquisição de uma língua materna específica ocorre no contexto social em que vivemos. A partir dos princípios da gramática universal (GU), que se revela geneticamente condicionada na espécie humana, fixamos determinados parâmetros selecionados pela sociedade de fala à qual pertencemos para concretizar nossa língua materna específica.

O estado inicial da linguagem – gramática universal – é comum à espécie humana e, à medida que a criança vai sendo exposta a determinada língua, em virtude de sua inserção num ambiente de fala, vão fixando-se as regras de estruturação desse sistema linguístico a partir da marcação de determinados parâmetros possibilitados pelo estado inicial da linguagem (GU). No dizer de Chomsky:

"Cada língua humana possível é identificada como uma fixação particular de parâmetros. Deduz-se o português a partir de certa escolha de fixações, o japonês de outra, e assim por diante, para todas as línguas."

A razão de se falar português no Brasil, alemão na Alemanha e japonês no Japão se deve unicamente ao fato de as pessoas viverem em comunidades linguísticas distintas. É, portanto, o contexto sociocultural de fala que determina a língua materna do falante, uma vez que, ao nascer, todo ser humano se mostra capaz de adquirir qualquer língua natural possível.

A aquisição da língua materna, por sua vez, não se dá por uma relação automática de estímulo-resposta por parte da criança. O sistema linguístico não é adquirido por mera repetição e condicionamento, uma vez que a criança estrutura enunciados inéditos, altamente complexos e perfeitamente gramaticais sem nunca ter sido exposta a eles. Aliás, um dos pressupostos da hipótese do inatismo é justamente este: os dados linguísticos fornecidos pelos adultos (*inputs*) a que os pequenos são expostos durante o processo de aquisição da linguagem revelam-se insuficientes para explicar o complexo conhecimento linguístico que as crianças demonstram no dia a dia de suas interações verbais (*outputs*). As falas dos adultos a que elas têm acesso se revelam muito fragmentadas e por demais precárias em face da complexa estrutura linguística dominada pelas crianças em seus atos comunicativos.

Tal fenômeno – o fato de os *inputs* linguísticos não darem conta dos complexos e inéditos *outputs* realizados pelas crianças – é denominado pelos inatistas de *precariedade do estímulo*, cujo pressuposto é o de que os estímulos linguísticos que os adultos fornecem (*inputs*) revelam-se insuficientes, em termos de estruturação e sistematicidade, para justificar o extraordinário desempenho (*outputs*) que os pequenos demonstram ao adquirir sua língua materna.

Segundo Steven Pinker, as crianças não se contentam em reproduzir a fala dos adultos; elas criam uma gramática complexa, que vai muito além dos dados que recebem. CHOMSKY (p. 23), segundo quem a criança conhece imensamente mais do que a experiência provê, argumenta que:

“A aquisição de língua se parece muito com o crescimento dos órgãos em geral; é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz.”

Pela perspectiva do inatismo linguístico, não faz sentido, portanto, a ideia, tão difundida no senso comum, de que algumas línguas sejam mais “difíceis” que outras. Como exemplo de línguas

“difíceis” que povoam o nosso imaginário popular poderíamos citar o russo, o chinês, o árabe, o grego, o latim, entre outras tantas. Mas é preciso atentar para o fato de que na Rússia os mendigos sem nenhum tipo de escolarização formal falam russo; na China, os analfabetos falam chinês; na Grécia, uma criança de quatro anos fala grego; na Antiguidade, os soldados romanos, analfabetos em sua totalidade, falavam latim (não nos esqueçamos do dito popular segundo o qual “os romanos não teriam dominado o mundo se tivessem parado para estudar o latim”).

Por que é isso possível? Porque o ser humano é programado geneticamente para adquirir (pelo menos) uma língua natural, seja ela qual for. Assim, não cabe falar em língua mais “difícil” que outra, uma vez que, para o falante, nada mais natural do que a sua língua materna, com a qual convive desde o nascimento e cuja estrutura ele domina plenamente lá pelos cinco, seis anos de idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *História da linguística*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Brasília: Editora da UnB, 2000.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.